

alkantara festival no CCB
Luisa Saraiva e María del Mar Suárez

Bocarra

Luísa Saraiva

CCB . 20 e 21 novembro . quinta às 20h00 e sexta às 21h30 . Black Box



Ficha Artística

Coreografia e direção artística **Luísa Saraiva** Criação e interpretação **Luisa Alfonso,**
Alexandre Achour,

Luísa Saraiva Instrumentos **Inês Tartaruga Água** Desenho de som **Francisco Antão**
Desenho de luz **Cárin Geada** Figurinos **Isabelle Lange** Treino de autodefesa **Zeina**
Hanna,

Manuel Pérez Bouza Treino vocal **Fabíola Augusta** Olhar externo **Niklaus Bein**

Agradecimentos **Matthias Mohr, Arnaldo Saraiva** Produção **Associação Calote Esférica**
e

Crybaby GbR Produção executiva **Övgü Özen, Nadine Freisleben /Apricot Productions**
(Alemanha),

Mariana Costa / Associação Calote Esférica (Portugal) Coprodução **Festival Dias da**
Dança/

Teatro Municipal do Porto, La Manufacture CDCN Nouvelle - Aquitaine,

PACT Zollverein Financiamento **República Portuguesa – Cultura/Direção -Geral das**
Artes,

**Ministério da Cultura e Ciência Nordrhein - Westfalen/NRW Landesbüro Freie
Darstellende Künste, Kunststiftung NRW Apoio Residências Paraíso, Colectivo RPM**

Voz, gesto e som ressoam no espaço e nos corpos como matéria viva de resistência.

Bocarra — palavra que designa uma boca muito aberta ou desmesurada — parte do repertório de canto polifónico feminino do norte de Portugal e da Galiza, onde se cantam sentimentos de amargura e se evocam violências brutais contra mulheres. Essas vozes — gritadas ou murmuradas, ritualizadas ou fragmentadas — emergem como gestos de não-conformidade e resistência.

Em cena, três intérpretes cantam, movem-se e relacionam-se com um conjunto de objetos sonoros originais. Feitos de pedra, cerâmica, plástico ou metal, estes instrumentos artesanais funcionam como extensões dos órgãos internos e da respiração, ativados por sopros, fricções e toques que amplificam o corpo.

Como num concerto, onde cada canção se impõe como protagonista, *Bocarra* constrói uma coreografia vocal e sensível, em que os corpos, transformados em instrumentos, produzem imagens e assombrações melódicas — gritos que ressoam como formas de resistência.

Luísa Saraiva é coreógrafa e intérprete, nascida no Porto, Portugal, e vive entre o Porto e Berlim. Estudou Psicologia na Universidade do Porto e Dança na Folkwang Universität der Künste, em Essen. O seu trabalho coreográfico explora a linguagem do corpo e da voz, situando-se na intersecção entre o movimento e a composição musical. Foi selecionada para a bolsa danceWeb em 2019 e, na temporada de 2019/2020, foi uma das coreógrafas em residência no K3 | Tanzplan Hamburg. Em 2022/2023, foi bolseira do programa Tanzpraxis da Cidade de Berlim. Nos últimos anos, tem orientado oficinas e participado em debates sobre saúde mental na comunidade da dança.

Os intransponíveis Alpes, à procura do Currito

María del Mar Suárez (La Chachi)

CCB . 21 e 22 novembro . sexta às 20h00 e sábado às 17h00 . Pequeno Auditório

Espectáculo em espanhol com legendas em português e inglês

Dia 22: conversa pós-espetáculo com María del Mar Suárez e Luísa Saraiva



Ficha Artística

Ideia original, direção e interpretação **María del Mar Suárez (La Chachi)** Canto **Lola Dolores**

Guitarra **Francisco Martín** Percussão **Isaac García** Iluminação **Azael Ferrer** Som **Pablo Contreras**

Texto **Cristian Alcaraz** Olhar externo **Alberto Cortés** Figurino **Nantú**

Produção em digressão **Inés Lambisto** Financiamento **Universidad de Málaga, Junta de Andalucía,**

Fundación Nina Carasso Audiovisual **99páginas / Tandem759** Desenho gráfico **Tiquismiquis.club**

Comunicação e gestão **Luisa Hedo**

O flamenco como base para uma busca incansável que tropeça, transgride e recomeça.

Em *Os intransponíveis Alpes, à procura do Currito*, María del Mar Suárez — coreógrafa andaluza também conhecida por La Chachi — conduz-nos por uma travessia física e emocional entre o trágico e o absurdo, entre o riso e o desespero. No centro da cena está a busca de “Currito” — figura ausente, evocada, inalcançável — e uma montanha impossível de escalar que se torna metáfora do desejo, da fé, da perda ou do amor.

A peça cruza flamenco com linguagens urbanas e contemporâneas — do krump ao voguing — num corpo que dança como se escalasse. O flamenco irrompe em espasmos, torce-se, quebra-se, tropeça, recomeça. A música ao vivo, interpretada por dois músicos e uma cantora, ocupa o centro da cena e arrasta-nos num crescendo repetitivo que se adensa como uma avalanche, deixando a dúvida: assistimos a um concerto ou a uma peça de dança?

Entre confrontos e silêncios, La Chachi desenha no palco o caminho serpenteante da

escalada, da procissão, da procura por alguém que não se deixa encontrar. Dança o inalcançável — e nós vemo-la como do alto de uma montanha, sem conseguir desviar o olhar.

María del Mar Suárez, La Chachi, é uma atriz e bailarina natural de Málaga, onde se licenciou em ambas as disciplinas. O seu trabalho distingue-se por uma linguagem própria, que funde flamenco, teatro físico e dança contemporânea. Especializou-se em flamenco com La Lupi e colaborou com nomes como Alberto Cortés, Belén Maya e Fernando López. A sua estreia *La Gramática de los Mamíferos* foi distinguida com três Prémios PAD e o Prémio Lorca de Melhor Intérprete Feminina. Em 2019, apresentou *La Espera*, incluída na programação do Teatro Central, em Sevilha. Em 2021 apresentou *Merdellona*, em cocriação com Alberto Cortés, e estreou os espetáculos *El Movimiento* e *El último acto de fe*. Em 2022 conquistou o Prémio Godot de Melhor Espectáculo de Dança com o espetáculo *Los inescalables Alpes...* Em Janeiro de 2025, estreou a sua mais recente criação, *Las Alegrías*, no Centro Conde Duque, em Madrid.